

The book cover features a background of overlapping geometric shapes in various shades of green and yellow, set against a light blue grid pattern. A central white rectangular box with a dark grey border contains the title text.

Livro de Poemas
da Literatura
Brasileira

Poema à virgem - Padre José de Anchieta - Quinhentismo

Minha alma, por que tu te abandonas ao profundo sono? Por que no pesado sono, tão fundo ressonas? Não te move à aflição dessa Mãe toda em pranto, Que a morte tão cruel do FILHO chora tanto?

E cujas entranhas sofre e se consome de dor, Ao ver, ali presente, as chagas que ELE padece? Em qualquer parte que olha, vê JESUS, Apresentando aos teus olhos cheios de sangue.

Olha como está prostrado diante da Face do PAI, Todo o suor de sangue do seu corpo se esvai. Olha a multidão se comporta como ELE se ladrão fosse, Pisam-NO e amarram as mãos presas ao pescoço.

Olha, diante de Anás, como um cruel soldado O esbofeteia forte, com punho bem cerrado. Vê como diante Caifás, em humildes meneios, Aguenta mil opróbrios, socos e escarros feios.

Não afasta o rosto ao que bate, e do perverso Que arranca Tua barba com golpes violento. Olha com que chicote o carrasco sombrio Dilacera do SENHOR a meiga carne a frio.

Olha como lhe rasgou a sagrada cabeça os espinhos, E o sangue corre pela Face pura e bela. Pois não vês que seu corpo, grosseiramente ferido Mal susterá ao ombro o desumano peso?

Vê como os carrascos pregaram no lenho As inocentes mãos atravessadas por cravos. Olha como na Cruz o algoz cruel prega Os inocentes pés o cravo atravessa.

Eis o SENHOR, grosseiramente dilacerado pendurado no tronco, Pagando com Teu Divino Sangue o antigo crime! (Pecado Original cometido pelos primeiros pais e os subsequentes pecados da humanidade) Vê: quão grande e funesta ferida transpassa o peito, aberto Donde corre mistura de sangue e água.

Se o não sabes, a Mãe dolorosa reclama Para si, as chagas que vê suportar o FILHO que ama. Pois quanto sofreu aquele corpo inocente em reparação, Tanto suporta o Coração compassivo da Mãe, em expiação.

Ergue-te, pois e, embora irritado com os injustos judeus Procura o Coração da MÃE DE DEUS. Um e outro deixaram sinais bem marcados Do caminho claro e certo feito para todos nós.

Ele aos rastros tingiu com seu sangue tais sendas, Ela o solo regou com lágrimas tremendas. A boa Mãe procura, talvez chorando se consolar, Se as vezes triste e piedosa as lágrimas se entregar.

Mas se tanta dor não admite consolação É porque a cruel morte levou a vida de sua vida, Ao menos chorarás lastimando a injúria, Injúria, que causou a morte violenta.

Mas onde te levou Mãe, o tormento dessa dor? Que região te guardou a prantear tal morte? Acaso as montanhas ouvirão Teus lamentos? Onde está a terra podre dos ossos humanos?

Acaso está nas trevas a árvore da Cruz, Onde o Teu JESUS foi pregado por Amor?

Esta tristeza é a primeira punição da Mãe, No lugar da alegria, segura uma dor cruel, Enquanto a turba gozava de insensata ousadia, Impedindo Aquele que foi destruído na Cruz.

Mãe, mas este precioso fruto de Teu ventre Deu vida eterna a todos os fieis que O amam, E prefere a magia do nascer à força da morte, Ressurgindo, deixou a ti como penhor e herança.

Mas finda Tua vida, Teu Coração perseverou no amor, Foi para o Teu repouso com um amor muito forte! O inimigo Te arrastou a esta cruz amarga, Que pesou incomodo em Teu doce seio.

Morreu JESUS traspassado com terríveis chagas ELE, formoso espírito, glória e luz do mundo; Quanta chaga sofreu e tantas LHE causaram dores; Efetivamente, uma vida em vós era duas! (Natureza Humana e Natureza Divina do SENHOR)

Todavia conserva o Amor em Teu Coração, e jamais Evidentemente deixou de o hospedar no Coração, Feito em pedaços pela morte cruel que suportou Pois à lança rasgou o Teu Coração enrijecido.

O Teu Espírito piedoso e comovido quebrou na flagelação, A coroa de espinhos ensanguentou o Teu Coração fiel. Contra Ti conspirou os terríveis cravos sangrentos, Tudo que é amargo e cruel o Teu FILHO suportou na Cruz.

Morto DEUS, então porque vives Tu a Tua vida? Porque não foste arrastada em morte parecida? E como é que, ao morrer, não levou o Teu espírito, Se o Teu Coração sempre uniu os dois espíritos?

Admito, não pode tantas dores em Tua vida Suportar,
aguentando se não com um amor imenso; Se não Te alentar a
força do nascimento Divino Deixará o Teu Coração sofrendo
muito mais.

Vives ainda, Mãe, sofrendo muitos trabalhos, Já te assalta no
mar onda maior e cruel. Mas cobre Tua Face Mãe, ocultando o
piedoso olhar: Eis que a lança em fúria ataca pelo espaço leve,
Rasga o sagrado peito ao teu FILHO já morto, Tremendo a
lança indiferente no Teu Coração.

Sem dúvida tão grande sofrimento foi à síntese, Faltava
acrescentá-lo a Tuas chagas! Esta ferida cruel permaneceu
com o suplício! Tão penoso sofrimento este castigo guardava!

Com O querido FILHO pregado a Cruz Tu querias Que também
pregassem Teus pés e mãos virginais. ELE tomou para SI a dura
Cruz e os cravos, E deu-Te a lança para guardar no Coração.

Agora podes, ó Mãe, descansar, que possui o desejado, A dor
mudou para o fundo do Teu Coração. Este golpe deixou o Teu
corpo frio e desligado, Só Tu compassiva guarda a cruel chaga
no peito.

Ó chaga sagrada feita pelo ferro da lança, Que imensamente nos faz amar o Amor! Ó rio, fonte que transborda do Paraíso, Que intumesce com água fartamente a terra!

Ó caminho real com pedras preciosas, porta do Céu, Torre de abrigo, lugar de refúgio da alma pura! Ó rosa que exala o perfume da virtude Divina! Jóia lapidada que no Céu o pobre um trono tem!

Doce ninho onde as puras pombas põem ovinhos, E as castas rolas têm garantia de suster os filhotinhos! Ó chaga, que és um adorno vermelho e esplendor, Feres os piedosos peitos com divinal amor!

Ó doce chaga, que repara os corações feridos, Abrindo larga estrada para o Coração de CRISTO. Prova do novo amor que nos conduz a união! (Amai uns aos outros como EU vos amo) Porto do mar que protege o barco de afundar!

Em TI todos se refugiam dos inimigos que ameaçam: TU, SENHOR, és medicina presente a todo mal! Quem se acabrunha em tristeza, em consolo se alegra: A dor da tristeza coloca um fardo no coração!

Por Ti Mãe, o pecador está firme na esperança, Caminhar para o Céu, lar da bem-aventurança! Ó Morada de Paz! Canal de água sempre vivo, Jorrando água para a vida eterna!

Esta ferida do peito, ó Mãe, é só Tua, Somente Tu sofres com ela, só Tu a podes dar. Dá-me acalantar neste peito aberto pela lança, Para que possa viver no Coração do meu SENHOR!

Entrando no âmago amoroso da piedade Divina, Este será meu repouso, a minha casa preferida. No sangue jorrado redimi meus delitos, E purifiquei com água a sujeira espiritual!

Embaixo deste teto (Céu) que é morada de todos, Viver e morrer com prazer, este é o meu grande desejo.

À Cidade da Bahia - Gregório de Matos - Barroco

A cada canto um grande conselheiro.

que nos quer governar cabana, e vinha,

não sabem governar sua cozinha,

e podem governar o mundo inteiro.

Em cada porta um freqüentado olheiro,

que a vida do vizinho, e da vizinha

pesquisa, escuta, espreita, e esquadrinha,

para a levar à Praça, e ao Terreiro.

Muitos mulatos desavergonhados,
trazidos pelos pés os homens nobres,
posta nas palmas toda a picardia.

Estupendas usuras nos mercados,
todos, os que não furtam, muito pobres,
e eis aqui a cidade da Bahia.

Soneto Cláudio Manuel da Costa - Arcadismo

Sou Pastor; não te nego; os meus montados
São esses, que aí vês; vivo contente
Ao trazer entre a relva florescente
A doce companhia dos meus gados;

Ali me ouvem os troncos namorados,
Em que se transformou a antiga gente;
Qualquer deles o seu estrago sente;
Como eu sinto também os meus cuidados.

Vós, ó troncos (lhes digo), que algum dia
Firmes vos contemplastes, e seguros
Nos braços de uma bela companhia;

Consolai-vos comigo, ó troncos duros;
Que eu alegre algum tempo assim me via;
E hoje os tratos de Amor choro perjuros.

I-Juca-Pirama - Gonçalves Dias - Romantismo

Meu canto de morte,
Guerreiros, ouvi:
Sou filho das selvas,
Nas selvas cresci;
Guerreiros, descendo
Da tribo tupi.

Da tribo pujante,
Que agora anda errante
Por fado inconstante,
Guerreiros, nasci:
Sou bravo, sou forte,
Sou filho do Norte;
Meu canto de morte,
Guerreiros, ouvi.

Livros e flores - Machado de Assis - Realismo

Teus olhos são meus livros.

Que livro há aí melhor,

Em que melhor se leia

A página do amor?

Flores me são teus lábios.

Onde há mais bela flor,

Em que melhor se beba

O bálsamo do amor?

Amor - Aluísio Tancredo Belo Gonçalves de Azevedo - Naturalismo

Amemos! Quero de amor

Viver no teu coração!

Sofrer e amar essa dor

Que desmaia de paixão!

Na tu'alma, em teus encantos

E na tua palidez

E nos teus ardentes prantos

Suspirar de languidez!

Quero em teus lábio beber
Os teus amores do céu,
Quero em teu seio morrer
No enlevo do seio teu!
Quero viver d'esperança,
Quero tremer e sentir!
Na tua cheirosa trança
Quero sonhar e dormir!

Vem, anjo, minha donzela,
Minha'alma, meu coração!
Que noite, que noite bela!
Como é doce a viração!
E entre os suspiros do vento
Da noite ao mole frescor,
Quero viver um momento,
Morrer contigo de amor!

Língua portuguesa - Olavo Bilac - Parnasianismo

Última flor do Lácio, inculta e bela,
És, a um tempo, esplendor e sepultura:
Ouro nativo, que na ganga impura
A bruta mina entre os cascalhos vela...

Amo-te assim, desconhecida e obscura,
Tuba de alto clangor, lira singela,
Que tens o trom e o silvo da procela
E o arrolo da saudade e da ternura!

Amo o teu viço agreste e o teu aroma
De virgens selvas e de oceano largo!
Amo-te, ó rude e doloroso idioma,

Em que da voz materna ouvi: “meu filho!”
E em que Camões chorou, no exílio amargo,
O gênio sem ventura e o amor sem brilho!”

Escárnio Perfumado - Cruz e Souza - Simbolismo

Quando no enleio
De receber umas notícias tuas,
Vou-me ao correio,
Que é lá no fim da mais cruel das ruas,

Vendo tão fartas,
D'uma fartura que ninguém colige,
As mãos dos outros, de jornais e cartas
E as minhas, nuas – isso dói, me aflige...

Pronominais - Oswald de Andrade - Modernismo

Dê-me um cigarro
Diz a gramática
Do professor e do aluno
E do mulato sabido
Mas o bom negro e o bom branco
Da Nação Brasileira
Dizem todos os dias
Deixa disso camarada
Me dá um cigarro.